Miragens do “novo Oriente”: China, Estados Unidos e sonhos que circulam[1]

Cristina Patriota de Moura
UnB

> Crianças americanas não ouvem histórias sobre fantasmas. Elas gastam uma moeda na drogaria para comprar um gibi do super-homem… o super-homem representa capacidades atuais, enquanto fantasmas simbolizam a crença em e reverência a um passado acumulado… Como poderiam fantasmas se estabelecer em cidades americanas? As pessoas se movimentam com a maré, incapazes de estabelecer laços permanentes com lugares, e ainda menos com outras pessoas… Em um mundo sem fantasmas, a vida é livre e fácil. Olhos americanos podem olhar diretamente à frente. Mas eu ainda penso que lhes falta algo e não invejo suas vidas (Xiaotong Fei apud Arkush & Lee, 1989:1).[2]

O texto acima foi escrito por um dos fundadores da antropologia cultural na China, Xiaotong Fei, após viagem aos Estados Unidos, em 1944. Assim como muitos outros chineses no início do século XX, Fei estudou no “Ocidente”, tendo concluído seu doutorado sob a orientação de Malinowski, na Universidade de Londres.[3]

Em 1944, Fei comparava crianças chinesas a crianças norte-americanas por meio de seus vínculos ideológico-afetivos seja à imagem do super-homem, no caso dos Estados Unidos, seja aos fantasmas das histórias contadas às crianças na China. As duas imagens, também sujeitos atuantes em histórias específicas e com poder de agência na configuração de subjetividades infantis, aparecem vinculadas a diferentes noções de temporalidade. Ao passo que o super-homem olharia “diretamente para a frente”, os fantasmas chineses, fincados ao solo, exigiriam reverência ao passado.

Muito aconteceu na China desde 1944. O próprio Fei chegou a perder empregos e ter seus escritos banidos após a instauração da República Popular da China (RPC),[4] mas também ocupou cargos públicos e pautou políticas para as minorias étnicas.[5] Foi, por vezes, proibido de ensinar e enviado para “re-educação” durante a Revolução Cultural, mas oficialmente “reabilitado” no final dos anos 1970.

Durante décadas, a movimentação de pessoas no território circunscrito pelas fronteiras da RPC foi fortemente controlada, e o fluxo para fora dos limites nacionais, praticamente interrompido. Intercâmbios acadêmicos foram abortados,

e estudar no Ocidente capitalista se tornou praticamente impossível para jovens universitários.[6] Desde a década de 1980, no entanto, a movimentação de grandes contingentes populacionais vem transformando a China continental e a própria dinâmica de forças globais.[7]

A RPC é, atualmente, o país que mais envia estudantes internacionais às universidades dos Estados Unidos e de outros países, como Japão, Austrália, Inglaterra e Irlanda (Fong, 2011; Kipniss, 2011). Concomitante ao enorme fluxo de chineses pelo mundo, discursos oficiais do Partido Comunista Chinês veiculam chamados para a realização do "grande sonho" de renovação da China, mobilizando sujeitos que se configuram ao formular projetos em nível biográfico e que nem sempre se conformam aos limites da cidadania chinesa.

Este artigo dialoga com noções intangíveis, mas cujos efeitos são de grande impacto. A partir de signos possivelmente sem referencialidade concreta, como fantasmas e sonhos, pretendo trazer à baila processos sociais contemporâneos que envolvem os dois atores principais no jogo material e global dado pela competição pautada na acumulação de capitais, cujas posições seriam mensuráveis por meio de índices objetivados, como o Produto Interno Bruto (PIB). A intenção é que processos dialógicos e competitivos, que aqui articulo por meio da noção de miragem proposta pelo antropólogo Xin Liu (2009), se tornem mais inteligíveis a partir de um ponto de interseção propiciado por mediadores entre a China e os Estados Unidos: agentes que preparam estudantes chineses para se iniciarem em processos de circulação global.

As reflexões que trago nas próximas páginas foram formuladas a partir do contato com estudantes universitários provenientes da RPC na Universidade da Califórnia em Davis (UC Davis),[8] em pesquisa que incluiu entrevistas com 41 estudantes de graduação e pós-graduação, cujo conteúdo ainda se encontra em fase de análise. Tais interlocuções se efetuaram predominantemente em língua inglesa, mas também com termos e frases em língua chinesa. São pessoas provenientes de diversas partes da RPC,[9] algumas também falantes de diferentes idiomas. Tiveram, não obstante, a totalidade de suas experiências escolares anteriores ministradas em geral na língua oficial chinesa, o *Putonghua* (mandarim).

Há uma série de coincidências nas trajetórias desses estudantes bem como na formulação de seus projetos. A maioria se reconhece como parte de uma classe média, apesar de muitos não saberem definir essa categoria com precisão. São, com raras exceções, os primeiros em sua linha de descendência a estudar fora da China e têm projetos profissionais voltados a um contexto de fluxos globais, onde origem (China) e destino atual (Estados Unidos) são percebidos menos

como pontos em uma linha reta e mais como passagens em um movimento de circulação transnacional com ambições globais.

O objetivo deste artigo não é tratar das trajetórias e dos projetos dos meus interlocutores na Califórnia. Não obstante, as imagens e narrativas que aqui discuto me foram sugeridas por eles. Seguindo as pistas que obtive em diálogo com esses sujeitos — e somente assim —, pude chegar ao material por meio do qual componho os dois "atos" que apresento na narrativa deste artigo.

O primeiro ato consiste na descrição de um filme de grande sucesso comercial lançado na China em 2013. Esse filme me foi citado e recomendado por grande parte dos estudantes entrevistados quando me falaram de suas trajetórias pregressas e como se prepararam para ingressar em uma bem-conceituada universidade norte-americana. Citar o filme, cujo enredo veremos a seguir, tinha a função de facilitar a explicação de processos preparatórios e das alternativas institucionais disponíveis na China para aqueles que escolheram estudar fora do país. Mas o filme também era citado quando comparavam chineses e americanos e quando falavam do sucesso de empresas chinesas e de seus próprios projetos para o futuro.

A segunda seção deste artigo se desenvolve na área de Zhonguancun, no distrito de Haidian, em Beijing, que tive a oportunidade de frequentar durante o mês de julho de 2015. Teço a narrativa a partir de uma série de encontros e diálogos com a sócia de uma pequena escola preparatória para exames exigidos para a entrada em universidades dos Estados Unidos. O contato com a professora Wenjun também me foi sugerido e intermediado por um dos estudantes na UC Davis. A cidade de Beijing e a área de Zhongguancun, como veremos, também se configuram como centro de atração de talentos e pórtico de passagem para circuitos transnacionais em que se movem sujeitos de uma China global.

Após as narrativas tecidas nesses dois atos, trago ao texto alguns discursos públicos que fazem uso das noções de "sonho chinês" e "sonho americano", onde procuro pensar, em diálogo com a obra de Liu (2009) *The mirage of China*, certas concepções de alteridade como constitutivas de "miragens" com referência às quais sujeitos podem compor suas trajetórias.

Primeiro ato: a alegoria do sonho

Novo Sonho é o nome da empresa constituída pelos amigos Cheng, Wang e Meng no filme dirigido pelo honconguês Peter Chen. O filme, baseado em uma história real, foi sucesso de bilheteria na China continental, tendo faturado 51 milhões de dólares em sua estreia, em maio de 2013. O título em chinês é *Zhonguo Hehuoren*, que pode ser traduzido literalmente por "parceiros chineses",

mas o nome com que o filme foi distribuído em língua inglesa é *American Dreams in China*, ou “sonhos americanos na China”.

A comédia campeã de bilheteria retrata a trajetória de três amigos que se conhecem na universidade nos anos 1980 e cujo maior objetivo é ir aos Estados Unidos da América. Em uma época em que a possibilidade de sair da China e obter visto para os Estados Unidos era rarefeita, eles passam por diversos percalços, que incluem relacionamentos amorosos desfeitos, brigas com professores e colegas e vistos negados. Os três estudam inglês, têm fascínio por filmes e livros americanos e se relacionam de forma ambígua com personagens que representam a “velha” ordem comunista, como funcionários públicos corruptos e professores retratados como anacrônicos ao defenderem a economia planejada chinesa para jovens interessados em ganhar acesso a filmes, revistas e livros estrangeiros.

Em sua juventude, os personagens principais têm grande admiração pelos Estados Unidos, imaginado como um lugar onde se pode obter “sucesso” e “vida boa”. Não obstante, os americanos são retratados ao longo do filme como adversários. O orgulhoso Meng é o único que consegue ir para os Estados Unidos logo após a formatura, onde é tratado com desdém pelos americanos: perde o emprego em um laboratório para outro chinês com melhores credenciais e passa a trabalhar em um pequeno restaurante, onde é passado para trás nas gorjetas. Wang, o mais sedutor dos três, passa os anos universitários envolvido com uma namorada americana que o abandona, após este ter ironicamente declinado o visto para os Estados Unidos para permanecer com ela na China.

Cheng é o grande herói do filme. De origem rural, ele consegue entrar na universidade após mais de uma reprovação no *gaokao* (exame “vestibular” chinês), contando com o reticente auxílio financeiro de uma extensa família com pouca escolaridade. Inicialmente tímido, mas leal aos amigos e dedicado aos estudos, Cheng tem sua tentativa de ir aos Estados Unidos negada repetidas vezes, até que sua namorada obtém o cobiçado visto e o deixa na China. Ele consegue um emprego de professor mal pago em uma instituição pública, onde seu chefe “comunista” o explora, coagindo-o a dar aulas particulares gratuitas ao filho pouco interessado. Cheng é demitido e começa a dar aulas particulares de inglês, primeiramente em uma lanchonete da rede americana KFC (Kentucky Fried Chicken). As aulas são um sucesso e seu negócio passa a funcionar clandestinamente em uma fábrica abandonada, com enorme número de alunos. Wang se une a Cheng na administração da empresa Novo Sonho, que logo se beneficia também do retorno de Meng dos Estados Unidos. Este ministra sessões individuais, treinando os estudantes para lidar “psicologicamente” com os americanos, principalmente vencendo a timidez.

A empresa cresce vertiginosamente, como atestam os edifícios de vidro espelhado e a cena de uma assembleia com milhares de jovens eufóricos embasbacados com a presença de Cheng, de terno e ar sofisticado, que é tratado como celebridade. Já nos Estados Unidos, os parceiros são processados por uma agência de exames por infringir leis de propriedade intelectual em seus cursos de treinamento.

Os parceiros chineses, agora ricos e poderosos, conseguem ser tratados como adversários à altura dos empresários norte-americanos e chegam a vencer a disputa, apesar de admitirem o uso de materiais sem a devida autorização. A vitória na querela se dá em diversos níveis. Em primeiro lugar, enquanto a arrogância legalista dos americanos acusa os chineses de serem “trapaceiros por natureza” (isto é, por “cultura”), Cheng dá uma demonstração de sua incrível capacidade de memorização ao citar textualmente trechos da enorme documentação do processo. Dizendo que aos 18 anos já havia memorizado um dicionário inteiro de língua inglesa, acrescenta que era considerado apenas medíocre entre seus colegas: “estudantes chineses são extremamente aptos na realização de exames. Vocês não podem imaginar o que eles estão dispostos a fazer para chegar ao sucesso. Vocês não entendem a cultura chinesa”. Tal disputa contrapõe a habilidade de memorização e disposição para o esforço individual ao estereótipo da desonestidade chinesa, também acionado pelos empresários americanos no filme.[10]

Não se trata, no entanto, de vencer a querela por meios estritamente legalistas. Para os parceiros chineses, a questão é menos legal do que moral, como esclarece Meng ao dizer aos americanos que “não gostamos de ser chamados de ladrões. Nós viemos aqui para educá-los a respeito de uma coisa: a China mudou. Infelizmente, vocês estão presos no passado”. Não obstante, para estar apto a se impor moralmente, mais do que a simples “habilidade cultural” chinesa é necessária: é preciso poder comprar o ingresso para se sentar à mesa de negociação. É o sucesso econômico que provoca a reação dos americanos que se sentem lesados pela infração às leis de *copyright*. Mas é também o argumento econômico que permite que os amigos chineses se transformem em possíveis parceiros da empresa norte-americana que os processa.

Admitindo a utilização do material, Cheng mostra aos elaboradores dos exames que eles lucrarão muito mais se entrarem em parceria com sua empresa do que se ganharem a disputa jurídica. Afinal, a China é o maior mercado do mundo para estudantes estrangeiros nos Estados Unidos. Ao fim do filme, portanto, os adversários se tornam parceiros econômicos domesticados pelo poder de persuasão do dinheiro e, para além da nova parceria, a empresa Novo Sonho ingressa no mercado de ações e passa a atuar em uma nova escala financeira global.

Segundo ato: lugares concretos e miragens “de marca”

Conheci a professora Wenjun em Beijing em julho de 2015, onde passei trinta dias após onze meses na Califórnia. Wenjun me foi apresentada por Haohao, um estudante de segundo ano do curso de história em Davis. Haohao nasceu em 1993, em área rural próxima à cidade de Kaifeng, na província de Henan. Apesar de fazer parte da “geração de filhos únicos”,[11] Haohao tem um irmão mais velho e uma irmã mais nova, ambos do mesmo pai e da mesma mãe. Haohaosaiu de sua aldeia natal para uma escola interna na capital da província, Zhengzhou, quando ainda tinha 6 anos. Durante o ensino médio, ainda em Zhengzhou, os pais lhe alugaram um quarto no apartamento de uma “tia”,[12] nas proximidades da escola, onde dormia e fazia as refeições. Já ao final do ensino médio, com 18 anos, viveu por alguns meses em uma hospedaria na área de Zhongguancun, em Beijing, preparando-se para realizar os exames necessários ao ingresso em alguma universidade norte-americana. Wenjun, que já havia preparado seu irmão alguns anos antes, foi também professora de Haohao em Beijing. Ela atuou, ainda, na empresa retratada no filme descrito no primeiro ato deste artigo, e foi por isso que Haohao sugeriu que eu a conhecesse.

Diversos estudantes chineses com quem tive contato citaram ter utilizado os serviços da empresa Xin Dong Fang durante a preparação para os estudos nos Estados Unidos. O nome da empresa, traduzido diretamente do chinês para o português, significa “novo oriente” ou, mais literalmente, “novo lado leste”. Seu nome registrado em língua inglesa, no entanto, é New Oriental. Assim, na tradução para o inglês, a referência geográfica se transforma em adjetivo. Seriam eles mesmos — os estudantes — os novos “orientais” a circularem pelo Ocidente?[13]

Trata-se de uma empresa com franquias espalhadas por diversas cidades chinesas. A empresa oferece cursos de língua inglesa, mas, principalmente, cursos preparatórios para a realização de exames necessários ao ingresso em universidades norte-americanas, como o TOEFL iBT, o SAT e o ACT.[14] A empresa também presta serviços de orientação vocacional, que auxiliam estudantes e suas famílias a escolherem as universidades estrangeiras para onde pleitearão o ingresso, assessorando-os nos procedimentos de candidatura.

Meus interlocutores em Davis provinham de diversas localidades na China, mas a maioria havia passado por Beijing ou Xangai para se preparar para os exames estrangeiros. Um desses estudantes foi quem primeiro me disse que a escola New Oriental era tão famosa que havia um filme baseado na mesma: os “parceiros” chineses. Voltaremos ao filme e seus nomes mais à frente. Ressalto, por enquanto, que o “campo” me levou ao interesse pelo “novo Oriente”, motivada pela caracterização da empresa Novo Sonho no filme.

Haohaome apresentou-me a Wenjun por meio do aplicativo WeChat.[15] A professora o havia treinado para obter a pontuação necessária no SAT e sua principal credencial era ter sido formada pelos fundadores do Xin Dong Fang, onde trabalhou por sete anos. Mais recentemente, Wenjun iniciara o próprio negócio em parceria com um ex-colega de trabalho na grande empresa, professor especializado em preparar estudantes para a parte oral do IBT.[16] Wenjun me apresentou ao seu colega como um "very famous teacher". Em diversas ocasiões, ouvi chineses utilizarem o termo *famous* ("famoso", em português) para se referirem a professores. Trata-se de uma tradução do termo chinês *youming* (有名). Noções de qualidade, com frequência numericamente mensuráveis, são extremamente importantes na China. O ideograma *ming* (名) também significa "nome" e está vinculado a noções de respeitabilidade e reputação. Os "melhores" professores são *youming* (有名), e as "melhores" universidades são *mingpai* (名牌), mesmo termo utilizado para qualificar marcas comercialmente famosas como Apple ou Louis Vuitton.

Wenjun se formou em literatura chinesa pela "famosa" Universidade de Pequim e mora na capital chinesa desde então. Tem 32 anos, é casada e não pretende ter filhos, por considerar o "sacrifício" grande demais.[17] Encontramo-nos em diferentes ocasiões, em sua empresa e em cafés e sorveterias nos arredores das duas mais prestigiosas universidades chinesas. Uma é a Universidade de Pequim, conhecida como Beida, numa contração de *Beijing Daxue*, cuja designação em inglês é Peking University, apesar do nome Beijing ser atualmente utilizado para nomear a capital chinesa. A outra é a Universidade Tsinghua (QingHua), conhecida pela excelência nas áreas tecnológicas.

Wudaokou, próximo a Tsinghua, e Zhonguancun, ao sul de Beida, são centros urbanos frequentados por grande número de estudantes universitários e de ensino médio. Há muitos restaurantes, lanchonetes, supermercados e boutiques, reunidos em edifícios próximos a estações de metrô e muitos pontos de ônibus, com trânsito intenso de pessoas, automóveis e bicicletas (essas mais presentes em Wudaokou).

O curso de Wenjun fica localizado no distrito de Haidian, na área que ela chama de Zhongguancun que, além de ficar próxima à Universidade de Pequim, abriga os imponentes edifícios do Xin Dong Fang — oficialmente, em inglês, Beijing New Oriental Vision Overseas Consulting e New Oriental Education & Technology Group.

Figura 1 — Edifício principal Xin Dong Fang, Pequim

Fonte: acervo pessoal

Figura 2 — Edifício Norte: Xin Dong Fang, Pequim

Fonte: acervo pessoal

Nos dois edifícios mostrados nas Figuras 1 e 2, funciona a administração central da grande empresa em que foi baseada a história da escola Novo Sonho. Vale notar a assinatura no topo dos edifícios: o nome da empresa em caracteres (新东方)[18] e, logo abaixo, em cor laranja, seu endereço eletrônico (*xdf.com*). No site em língua inglesa, que exibe uma imagem idêntica à do edifício norte (com gramados e céu azul em volta), lemos no topo da página inicial: "mais de dois milhões de estudantes na China escolhem Novo Oriental todos os anos pelo nosso profissionalismo".[19]

Em nossas conversas, Wenjun sempre apontava essa região como um lugar intensamente frequentado por adolescentes desejosos de estudar nos Estados Unidos e sugeria que eu frequentasse cafés e lanchonetes da área para ver esses estudantes. Alguns de seus alunos cursam o ensino médio nos Estados Unidos e voltam para fazer o SAT e TOEFL na China. Segundo ela, é comum que falem inglês melhor que os professores, mas precisam ser treinados em técnicas de fazer provas. Suas aulas são ministradas em chinês. Segundo a professora, os pais sabem pouco (ou quase nada) sobre os Estados Unidos e não falam inglês. Já os filhos estariam ansiosos para se desvencilhar dos pais e da grande pressão que eles exercem. Ao caracterizar os adolescentes, me disse diversas vezes que se vestiam com roupas de grife, tinham corpos mais em forma do que o normal para adolescentes chineses e peles mais escuras.

Em todos os nossos encontros, entre dados numéricos sobre pontuações necessárias nos exames (iBT, SAT, ACT), valores de horas-aula, *rankings* de universidades nos Estados Unidos, estatísticas referentes a números de alunos por ano e porcentagens de estudantes que optavam por não fazer o *gaokao*, Wenjun sempre se queixava de seu corpo. Em nosso primeiro encontro, no qual vestia uma saia rodada com pregas, sandálias novas de salto alto e blusa de malha justa, disse-me que estava preocupada porque trabalhava muito, dormia pouco e não se sentia tão em forma quanto gostaria. Disse que tinha começado a fazer ginástica em uma academia com um *personal trainer* que era também seu aluno e estavam trocando aulas de SAT por dicas de musculação.

Nosso terceiro encontro foi em um café Starbucks, em um *shopping center* próximo ao edifício onde funciona seu curso. Nesse *shopping*, a mais ou menos quinhentos metros do edifício Xindongfang, há diversas boutiques chinesas, mas também lojas de redes internacionais como Swatch, Lacoste, H&M e C&A, além de uma grande sorveteria Haagen Das, que fica do outro lado da rua, em um edifício próprio, e de uma loja da rede francesa de supermercados Carrefour. No mesmo edifício, funcionam diversas empresas de preparação para entrada em universidades europeias e norte-americanas, algumas com bancas nas áreas

de circulação do *shopping*. Os cartazes de propaganda também podem ser vistos dentro e fora dos edifícios comerciais, nas estações de metrô próximas e ao longo da via de pedestres que leva da Avenida Zhonguancun à Avenida Haidian, onde se localiza o edifício Xin Dong Fang.

Figura 3 — Interior de centro comercial. Banca de curso preparatório ao fundo, à direita

Fonte: acervo pessoal

Figura 4 — Via de pedestres entre as avenidas Zhonguancun e Haidian. Ao longo da via, propagandas de cursos preparatórios

Fonte: acervo pessoal

Andando por essa área de Zhonguancun, tudo parece muito *mingpai*, "de marca", desde as universidades mencionadas nos cartazes (Harvard, Princeton, Berkeley e Oxford, por exemplo) até as roupas, as lanchonetes, as sorveterias e os cafés. Wenjun gosta muito das bebidas Starbucks, que chama de "energy juice", e me diz que muitas vezes passa o dia à base de *café latte* e *cappuccino*. Mostra-me também que o Starbucks é o ponto de encontro de muitos adolescentes que frequentam os cursos nas redondezas. Muitos vêm de outras cidades para Pequim durante as "férias" de verão (julho e agosto) ou mesmo para passar meses durante o último ano do ensino médio. Há diversos hotéis nas redondezas, onde frequentemente ficam hospedados com as mães, que circulam solitárias olhando vitrines nos *shoppings*. Os estudantes que moram em Pequim permanecem o dia inteiro em Zhonguancun e enfrentam viagens de mais de uma hora no metrô a caminho de casa. No mês de julho, quando nos encontramos, as aulas preparatórias iam das 9 da manhã às 22 da noite, com dois intervalos de uma hora.

Wenjun dizia estar interessada em nossas conversas porque queria entender melhor o processo da internacionalização dos estudantes chineses,[20] mas também entender melhor a si mesma e encontrar subsídios para tomar decisões futuras acerca de seu negócio. À medida que descrevia provas, estudantes e seus respectivos pais, bem como o mercado das escolas e universidades (sempre com muitos números), ela inseria comentários acerca das pressões com as quais convivia.

O curso de treinamento no Xin Dong Fang, pelo qual passara oito anos antes, marcara sua carreira de forma decisiva. Tal "ritual de passagem", que lhe permitia entrar no rol de "professora famosa", me foi narrado como um processo extremamente árduo, tendo exigido grande empenho e resistência. Foram cinco meses de treinamento com uma turma onde entraram cinquenta "candidatos" e saíram vinte professores contratados. Ao final do processo, precisou pedir demissão do emprego que tinha para se dedicar exclusivamente ao treinamento, pelo qual não recebia auxílio financeiro algum e onde era repetidamente recriminada (*blamed*) pelos fundadores da empresa.[21] Uma crítica que a marcou foi em relação às suas vestimentas: um dos treinadores disse que ela deveria sempre manter o mesmo "estilo" de roupas, para que os alunos a reconhecessem.[22] Ao falar da experiência durante o treinamento, expressava um sentimento de humilhação e exposição diante dos treinadores, mas também o estabelecimento de fortes vínculos entre os colegas de curso: "we were blamed together". Disse que quase todos os seus colegas haviam saído da empresa, que crescera muito, mas perdera em qualidade. Muitos eram agora donos de seus próprios negócios. Seu sócio atual também havia sido professor na Xin Dong Fang, bem como a dona de outro curso onde trabalhava algumas horas por semana.

A humilhação sofrida diante dos colegas e treinadores do Xin Dong Fang era recompensada pela “fama” de quem sobreviveu ao processo. Wenjun contou que, no auge do sucesso, um professor do Xin Dong Fang conseguia comprar um carro Audi após trabalhar durante um verão, que os professores ficavam ricos instantaneamente e eram admirados como pessoas bem-sucedidas e glamorosas. Disse que, havia dez anos, todas as professoras tinham bolsas de couro *mingpai*, de marcas como Louis Vuitton e Gucci. Esses adereços eram (e são) percebidos como índice necessário do sucesso desse segmento de professoras e professores.

Em um país conhecido por fabricar réplicas “quase perfeitas” de produtos de alto luxo, Wenjun me contou que uma colega professora havia sido desmascarada por um aluno, que identificara sua bolsa Louis Vuitton como falsificada. Em sua percepção, esse fato havia feito com que a professora fosse vista com menos respeito pelos alunos. Em nosso derradeiro encontro, Wenjun, que vestia uma blusa de malha tricotada com um grande símbolo da marca Gucci, queixou-se novamente da dificuldade que sentia em corresponder a expectativas estéticas.

Disse-me que não sabia se iria continuar naquele ramo de trabalho por muito tempo e que estava cansada de ter que comprar vestidos novos o tempo todo, trocar de roupa duas vezes ao dia e ser obrigada a usar *famous bags*, *famous dresses* e *bling-bling jewelry*. Queixou-se de alunos que julgam as professoras segundo a aparência e exercem grande pressão para que elas permaneçam em forma e tenham a imagem certa. Quando perguntei se ela não curtia os objetos e as vestimentas que consumia, me respondeu que achava um desperdício e o fazia em larga medida pela pressão externa. E concluiu: “I AM NOT a movie star!”

Sonho e miragem

O governo central da RPC é conhecido pela utilização de refrãos como “socialismo com características chinesas”[23] ou a “sociedade harmoniosa”.[24] Tais refrãos são recursos discursivos importantes na medida em que se coadunam com as possibilidades de poética social (Herzfeld, 2005) acionáveis por processos de subjetivação que operam em diferentes níveis.

O “sonho chinês” tem sido o principal recurso discursivo utilizado pelo atual presidente da RPC, Xi Jinping, desde sua posse, em novembro de 2012. Trata-se de um “significante flutuante” que apela para noções compartilhadas de subjetividade e possibilidades de destinos comuns no âmbito do Estado-nação. Logo em seus primeiros dias de governo, em visita a uma exposição no Museu Nacional da China denominada “O caminho da renovação”, a imprensa oficial chinesa citou trechos do discurso de Xi: “atualmente todos estão falando do

Sonho Chinês. [...] Do meu ponto de vista, realizar a grande renovação da nação chinesa é o maior sonho para a nação chinesa na história moderna".[25] O artigo da agência Xinhua então "explica" o ponto de vista do presidente: "o Sonho Chinês aglutina a aspiração cara a chineses de diversas gerações, representa os interesses gerais da nação e do povo chinês, e tem sido uma aspiração comum a todo chinês, segundo Xi" (Xi pledges..., 2012).

As histórias que relaciono neste texto são narradas por diferentes sujeitos de enunciação que se vocalizam por meio de diversos narradores. Alguns exemplos são o diretor Peter Chen, que adaptou o roteiro inicial escrito por um dos fundadores da empresa Xin Dong Fang para compor seu filme; a professora Wenjun, que fala de suas experiências no mundo dos cursos preparatórios de Pequim; a curadoria da exposição no Museu Nacional da China; o primeiro-ministro da RPC; e a agência de notícias Xinhua.

É interessante notar que os sujeitos aqui elencados têm públicos bastante amplos e, portanto, podem ser descritos, em termos chineses, como merecedores do rótulo *youming* ("famoso"). Seus "públicos" são, em larga medida, "sujeitos", com ênfase no sentido de "sujeito a": a "população" chinesa de mais de 1,4 milhão "liderada" por Xi Jinping, os milhões de "espectadores" (consumidores) que assistiram ao filme sobre os parceiros chineses e possibilitaram a arrecadação inicial de 51 milhões de dólares, os "dois milhões de estudantes que escolhem" anualmente os cursos do Xin Dong Fang, os alunos de Wenjun que conseguem alcançar boas pontuações e com os quais ela mantém contato mesmo depois de partirem para os Estados Unidos.

Em um país com as dimensões da China, é possível entender que a realização do "sonho" de sujeitos individuais depende do número de sujeitos mobilizáveis? Não se trata aqui de pensar em mobilização somente no sentido de ação política, mas em termos de "fama". Fama esta que pode ser medida inclusive (e talvez principalmente) por meio eletrônico, por critérios como o número de comentários positivos que um professor recebe em sites como o *www.smartstudy.com*, que Wenjun me disse ser uma boa "medida da fama" de um professor.

A "fama", no entanto, apesar de estatisticamente mensurável, é uma atribuição pouco tangível, análoga à imagem do super-homem ou aos espectros dos fantasmas mencionados por Xiaotong Fei. O "sonho" da "fama", como uma miragem que parece palpável quando vista a distância, mas desaparece após a caminhada, movimenta sujeitos, alimenta projetos e circula como índice de posição em um jogo competitivo. Em seu livro *The mirage of China*, Liu discorre sobre a China e seu lugar no "globo":

> se o retrato fosse colocado em uma moldura global, seria difícil *não pensar* na “miragem da China” como um efeito de espelhos. Por um lado, o signo da “China global” é uma imagem-signo eficiente para a contínua transformação global do país; por outro lado, é também uma imagem-signo para a República Popular pensar a si mesma em termos de um desenvolvimento moderno forjado especialmente no modelo da América do Norte (2009:173).[26]

Pensar o “sonho chinês” como uma miragem/espelho pode ser interessante para darmos continuidade, com Liu, ao propósito da nossa narrativa. Em que medida podemos pensar o “sonho” invocado por Xi Jinping como uma “miragem” especificamente chinesa? E em que medida a valorização da fama que vislumbramos nos encontros com Wenjun, bem como nas trajetórias vitoriosas das empresas Novos Sonhos e Novo Oriental, pode ser pensada como imagem-signo que se coaduna ao regime de alteridade identificado por Liu?

O filme narrado em nosso primeiro ato foi divulgado, em língua inglesa, com o título *American Dreams in China*. Esse filme foi mencionado diversas vezes em minhas entrevistas com estudantes chineses na Califórnia, mas estes sempre me citavam o título em chinês ou algo como “Chinese partners”. De minha parte, ficou a pergunta (que não fiz nas entrevistas): se Novo Sonho é uma empresa chinesa e o discurso do “sonho chinês” estava tão presente no momento de lançamento do filme, por que nomear o filme “Sonhos Americanos na China” e não “Sonhos Chineses na América”, já que o “sonho” dos parceiros chineses só parece se concretizar quando estes estabelecem uma grande empresa em território chinês, que é respeitada no competitivo mercado de ações baseado nos Estados Unidos?

A pergunta não exige resposta dos produtores do filme, que devem ter julgado o filme mais vendável internacionalmente com o apelo ao “famoso” “sonho americano”. Trata-se, no entanto, de uma questão boa para pensar como o “novo sonho”, que se coaduna ao “rejuvenescimento” chinês, pode se articular ao regime de alteridade no âmbito do qual a “miragem da China” é parte, reflexo ou espelho de um “mundo” onde a hegemonia norte-americana está em xeque (Arrighi, 2009; L. Liu, 2004; X. Liu, 2009).

Desde o início da utilização do termo “sonho chinês” pela liderança do Partido Comunista Chinês, tem havido comparações na imprensa internacional (e em publicações acadêmicas) entre o “sonho chinês” e o “sonho americano”. Essas comparações reiteram, em larga medida, estereótipos vigentes. Segundo o muito citado professor de relações internacionais Zheng Wang, a noção de “sonho chinês” acionada pelo presidente estaria diretamente atrelada ao conceito

de *fuxing* (复兴), traduzido como renovação, renascimento, rejuvenescimento ou revitalização. Esse conceito, argumenta Wang, teria "raízes profundas" na China:

> a palavra "rejuvenescimento" está profundamente enraizada na experiência e história nacional chinesa. Como cidadãos do "Reino do Meio", os chineses têm um forte sentimento de serem escolhidos e orgulho das conquistas de sua civilização antiga. Os chineses se referem à experiência humilhante perante a incursão ocidental e japonesa como um trauma. Após sofrer grande declínio de força e *status* nacionais, esse grupo tem forte determinação para reviver a força e glória do passado. Esse é o sonho chinês (2014:3-4).[27]

Se, por um lado, a noção de sonho apela para a confecção de imagens de futuro, informando projetos e mobilizando sujeitos que os ponham em ação, a passagem acima sugere uma diferença de temporalidade, ou melhor, a possibilidade de mobilização do tempo como diferença, por meio do conceito de *fuxing*. Por outro lado, se a noção de *fuxing*, de difícil tradução pelo próprio apelo à temporalidade cíclica,[28] pode ser caracterizada como especificamente chinesa, não se pode dizer o mesmo em relação à noção de *sonho*.

O colunista coreano Jin Kai, em artigo para a revista de relações internacionais *The Diplomat,* compara a noção de Sonho Chinês à de Sonho Americano:

> em vez de celebrar a aspiração e o esforço individuais, o Sonho Chinês enfatiza um esforço coletivo por parte do povo chinês no sentido de gradualmente alcançar o anseio pelo "grande rejuvenescimento" da China no século XX. Embora ambos os "sonhos" almejem o sucesso por meio de trabalho árduo, o Sonho Americano ressalta o espírito de liberdade e mobilidade social, enquanto o Sonho Chinês (apesar de incorporar sonhos individuais) aponta para a unidade e estabilidade. Ademais, o Sonho Chinês é unicamente para o povo chinês. Em contraste com o Sonho Americano, ele fala somente aos membros da nação chinesa e não almeja ser adotado pelo mundo (2014:1). [29]

Desde o início de sua utilização oficial pelas vozes autorizadas do PCC, tem havido discussões a respeito da tradutibilidade do sonho chinês. Seria essa uma aspiração *nacional* no sentido de ultrapassar os Estados Unidos em um jogo competitivo arbitrado pelos índices de crescimento do PIB? Seria uma forma de instar a população a consumir mais para, por meio da realização de seus próprios *sonhos de consumo*, possibilitar a realização do sonho coletivo alcançável com o aumento do PIB? Em que medida o sonho chinês seria uma mera cópia do sonho americano?

Entre as transformações "objetivas" ocorridas nas últimas décadas na RPC, está uma enorme reconfiguração no que diz respeito a regimes de propriedade, distribuição de renda e acesso a serviços. É possível dizer que a China ainda se encontra, atualmente, no "tempo da reforma", em contraste com um "tempo da revolução", que teve seus últimos suspiros após a morte de Mao Tsé-Tung, em 1976. Esse período atual se caracteriza pela ênfase no desenvolvimento econômico como fator primordial. Tal "desenvolvimento", medido principalmente pelos índices de crescimento do PIB, é concomitante à participação cada vez maior nos fluxos de escala global. A participação de empresas sediadas na China na produção de mercadorias para consumo em diversas partes do mundo ensejou o estabelecimento de uma "economia de mercado". O processo de reforma envolveu também o desmonte em larga escala de empresas estatais, a descoletivização da produção agrícola e a "liberação" de terras e imóveis para a especulação imobiliária. Tais privatizações permitiram a acumulação de enormes montantes de capital financeiro, que circula em escala global por meio de especulações, empréstimos e grandes investimentos em infraestrutura dentro e fora da China (Castells, 2000; Harvey, 2010; Zhang & Ong, 2008).

Em *The mirage of China*, o antropólogo Xin Liu argumenta que uma importante mudança epistemológica ocorreu na RPC. Essa mudança, vinculada a noções de temporalidade diferenciadas, permearia percepções e sentimentos e atuaria na configuração tanto de projetos pessoais quanto de políticas públicas, para dentro e para fora da China. Trata-se, ao mesmo tempo, do estabelecimento de um novo regime de verdade (Foucault, 2006) e da emergência de novas subjetividades. O novo regime de *sentimentalidade*, argumenta o autor, se estabeleceria como um espelho/miragem. Essa miragem, por sua vez, se torna relevante tanto para compreender a China contemporânea quanto para elucidar processos de globalização em que o espetáculo da China é cada vez mais importante para o mundo.

> Junto à emergência de uma diferente mentalidade de governança, na e para a República Popular, surgiu também, no mundo vivido da experiência cotidiana, uma "estrutura de sentimentos" redesenhada e renovada. Se uma história do presente pode ser escrita como uma *história de mentalidade*, ela deve ser, simultaneamente, uma história de *sentimentalidade* para a qual, no caso da China, um sentido narcisista do eu [*narcisistic selfhood*] e uma metafísica materialista forneceram as vitaminas que dão vida ao presente momento. Em oposição à sentimentalidade maoísta, que era humanista à sua própria maneira, providenciou-se uma nova sentimentalidade, sobre as ruínas da revolução maoísta, como reação imediata ou rebelião (Liu, 2009:178, grifos no original).[30]

Liu argumenta que tal regime se atrela a um processo de *estatisticalização* discursiva, em que números absolutos se tornam a comprovação dos "fatos" sociologicamente relevantes,[31] configurando o que ele chama de uma "metafísica materialista". Assim, taxas de crescimento do PIB, por exemplo, seriam fetichizadas como meios de alcançar a primeira posição em um mundo concebido prioritariamente como um jogo competitivo (Fioramonti, 2013; Gwyer, 2014).

Uma influência importante na análise de Liu é o historiador Joseph Levenson (1968), que, em sua trilogia *Confucian China and its modern fate*, argumenta que a China "tradicional" não era uma nação, mas "o mundo", apreendido e descrito por meio do conceito confucionista de *Tian Xia* (天下) — traduzido, literalmente, por "sob o céu". É somente a partir do reconhecimento do "Ocidente" como um "outro" relevante (por meio da "experiência humilhante" do "trauma" que se iniciou com a Guerra do ópio) que o conceito de *Tian Xia* é gradualmente abandonado e o "país do meio" (*Zhong Guo*中国) passa a figurar como designação dominante em um sistema discursivo adotado, de maneiras diferentes, pelos nacionalistas do Kuomintang e os comunistas sob a égide de Mao.

Entre o "mundo chinês" percebido a partir do "meio" de "tudo sob o céu" (*Tian Xia*) e a "China no mundo" consolidada pela RPC com fronteiras *nacionais* definidas, o "trauma" provocado pelo "outro" mais forte em termos econômicos e militares teria incitado uma mudança epistemológica irreversível. Levenson argumenta que, mesmo retomando a "tradição", não era mais possível ser "tradicional", mas somente "tradicionalista". O confucionismo deixara de ser uma *linguagem* para se tornar parte do *vocabulário* de um sistema cognitivo "histórico" e "científico" universalizado a partir do Ocidente e, como tal, passível de ser preservado, porém não perpetuado.

Com inspiração em Levenson, é possível dizer que termos como o "socialismo com características chinesas", advogado por Deng Xiaoping, ou mesmo o "sonho chinês", invocado por Xi Jinping, não partem da premissa da centralidade, exemplaridade e universalidade do mundo chinês, mas de um "lugar" entre outros que adota uma proposta universalizável (o socialismo) de uma maneira particular (com características chinesas) ou de um "sujeito" (a nação chinesa) que almeja "riqueza e poder" em um mundo percebido como composto por atores em competição.

A miragem da China, no entanto, não é somente uma projeção visível por aqueles que se encontram na RPC. Em uma nova distribuição de poder político e econômico que circula em redes de alcance global, a "universalização" da China passa a ser uma possibilidade imaginativa. Ela se torna uma miragem vista de fora, por aqueles que estão nos Estados Unidos, por exemplo, e temem que o PIB

chinês ultrapasse o deles próprios. Na medida em que a China também é retratada como "um grupo" (Kai, 2014) cujas motivações são eminentemente políticas, essa "miragem" se torna uma ameaça temida, por exemplo, por pais norte-americanos cujos filhos estudam língua chinesa em Institutos Confúcio (Hubbert, 2014).

Paralelamente, as redes de estudantes cujas trajetórias escolares se iniciaram na RPC se ampliam em grande escala. Estudar nos Estados Unidos, para muitos estudantes chineses,[32] faz parte de processos que transcendem em muito a simples adesão a "sonhos americanos" "individualistas" ou a "sonhos chineses" "coletivistas".[33] A China, por sua vez, não é uma "totalidade" social da qual os estudantes saem para entrar em outra "totalidade" nos Estados Unidos.

Novos sonhos ou Novo Oriente?

Os sonhos que escolhi retratar neste artigo se situam em encruzilhadas entre a China e os Estados Unidos.[34] Não obstante, assim como nós que estamos no Brasil não conseguimos mais evitar a China em nossas relações com o mundo, os chineses não prescindem da referência aos Estados Unidos ao formular seus sonhos. Arrisco dizer que todos os sonhos aqui elencados são voltados para "miragens" que apelam para experiências passadas de humilhação e a possibilidade de alcançar alguma proeminência diante de um público passível de conferir "fama" a sujeitos específicos: pessoas, empresas ou a própria nação "renovada". Os "projetos" desses "sujeitos" podem ser conflitantes ou reforçar-se mutuamente.

É interessante notar, nas palavras de Kai citadas na seção anterior, a reiteração da tese weberiana de que somente o que é forjado no Ocidente seria passível de universalização: o sonho americano se prestaria à adoção por todo o mundo, porque calcado nas ideias de liberdade e mobilidade individual. Já o sonho chinês, ainda que também abarque o indivíduo, seria um sonho particular da nação chinesa.[35]

Antropólogos que se debruçam sobre a China contemporânea têm identificado, etnograficamente, a crescente busca pela garantia de direitos individuais e por tratamentos *psi* com foco no bem-estar individual (Kleinman et al., 2011; Yan, 2009; Zhang, 2010, 2014). Também vimos, com as reflexões de Liu e Levenson (entre outros), que a referência ao "Ocidente" se tornou imprescindível à concepção de mundo daqueles cujos ancestrais talvez tenham vivido em um *Tian Xia*, mas que agora são definidos prioritariamente por meio de uma cidadania política nacional.

No filme do primeiro ato, a primeira "miragem" talvez se adéque à noção de "sonho americano" "individualista". Essa miragem, no entanto, se desfaz na experiência frustrante de Meng nos Estados Unidos. O "novo sonho" se realiza quando a "fama" é adquirida em território chinês, para ser *reconhecida*

nos Estados Unidos. Na interlocução com Wenjun, podemos perceber a própria empresa Novo Oriente como uma miragem de sucesso empresarial a ser emulada. As roupas de marca "autêntica" e a possibilidade de comprar um carro Audi ao final de um verão se tornam parte da "miragem" perseguida por uma professora que almejava a "fama" quando procurou emprego na renomada empresa. A conquista do emprego veio após a submissão a experiências humilhantes diante dos treinadores, mas a imagem da fama, como miragem que promete um oásis intangível em meio à sede do deserto, passou a ser relativizada após alguns anos de sua trajetória. De fato, nos discursos de Xi Jinping (e nas análises sobre eles), vemos que o "sonho chinês" de *fuxing* (renovação, rejuvenescimento) se vincula a memórias de humilhação pregressa e à tentativa de instituir um novo tempo com referência à reconstituição de uma glória passada.[36]

Talvez a dinâmica contemporânea de fluxos globais, na qual proliferam agenciamentos reconhecíveis como chineses, permita a elaboração da China como miragem de referência sobreposta ao "Ocidente" em um regime de alteridade competitiva onde ser "número um", à frente dos Estados Unidos, é o "sonho" do "número dois" em um quadro referencial de "fama" medido pelo PIB. E onde está a particularidade do "sonho chinês"? Talvez em um estilo específico de articular elementos na configuração de subjetividades que mereçam o rótulo de chinesas. E, nesse sentido, os fantasmas do passado, como sujeitos vinculados ao território chinês, talvez possam ser importantes agentes de diferenciação, como sugerem as palavras de Xiaotong Fei que compõem a epígrafe deste artigo.

Muito mudou na China (e nos Estados Unidos) desde a observação feita, em 1944, pelo antropólogo Fei Xiaotong. O sonho de rejuvenescimento, por exemplo, parece ignorar o sujeito da revolução maoísta, em busca de um futuro singular para a nação chinesa, baseado em uma epistemologia diferente da serialização numérica "moderna" e (por que não dizê-lo) capitalista (Liu, 2009). Em lugar do devir revolucionário, instaura-se o "sonho" que deve servir à "nação", ao "povo" e a "cada chinês" (XI PLEDGES, 2012).

Esse sonho parece estar sempre relacionado à noção de reversão de uma humilhação passada e ao alcance de uma "fama" passível de quantificação no presente. O sonho chinês, mobilizado por diferentes posições de sujeito, dialoga com os "fantasmas" mais ou menos visíveis de diferentes tempos, configurados por meio de interações em regimes de alteridade conflituosa. É claro que nem todos os fantasmas são reverenciados e nem todo passado se acumula, mas isso não anula sua possível presença. Resta saber se fantasmas também circulam e agem em escala global e as possíveis consequências dessa circulação para a configuração de miragens futuras, em diferentes projeções de escalas e espectros.

Recebido em 31/05/16
Aprovado em 29/06/16

Cristina Patriota de Moura é professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília desde 2006, onde coordena o Grupo de Pesquisa Urbanidade e Estilos de Vida (CNPq) e participa do Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas (Laviver). Foi pesquisadora visitante na Universidade da Califórnia, Berkeley (2006), Universidade de Lisboa (2011) e Universidade da Califórnia Davis, onde realizou seu pós-doutorado (2014–2015). Suas pesquisas e publicações versam sobre antropologia urbana, trajetórias estudantis e profissionais, desenvolvimento e globalização.

Notas

1. Sou grata às colegas do Laviver, Soraya Fleischer e Antonádia Borges, pelas leituras atentas de versão anterior deste artigo em nossa “cozinha” de textos.

2. Na versão em inglês: “American Children hear no stories about ghosts. They spend a dime at the drugstore to buy a Superman comic book.... Superman represents actual capabilities, while ghosts symbolize belief in and reverence for the accumulated past... How could ghosts gain a foothold in American cities? People move about with the tide, unable to form permanent ties with places, still less with other people... In a world without ghosts, life is free and easy. American eyes can gaze straight ahead. But still I think they lack something and I do not envy their lives”. Todos os trechos citados neste artigo foram traduzidos pela autora.

3. Xiaotong Fei viveu até 2005, quando, aos 94 anos, faleceu em Beijing. Conhecido por seus estudos sobre minorias étnicas e vida camponesa, Fei dialogou com autores da Escola de Chicago e, em seu livro mais conhecido internacionalmente sobre a sociedade chinesa, defendeu a tese de que ela seria eminentemente rural e conservadora, em oposição a um “Ocidente moderno”, com características próprias da vida urbana, individualista (Fei, 1992).

4. A RPC foi instaurada em 1949.

5. Denominadas *Minzu*, são oficialmente 55 e perfazem pouco mais de 8% da população. A etnia majoritária é a etnia Han.

6. Persistiram, no entanto, os fluxos de chineses da República da China (Taiwan ou Formosa), da colônia britânica de Hong Kong e de países asiáticos com forte presença étnica chinesa, como Singapura e Malásia, cujas configurações transnacionais são analisadas por Ong (1999).

7. Sobre a migração interna na República Popular da China, ver, por exemplo, Zhang (2001) e Patriota de Moura (2013). Há uma profusão de estudos que focam em

diferentes gerações de migrantes chineses. Não obstante, os estudos têm se concentrado em trabalhadores pouco qualificados ou comerciantes e suas redes de relações. Para uma revisão desses estudos, ver Fong (2011).

8. Onde desenvolvi, em colaboração com Li Zhang, a pesquisa de pós-doutorado "Expansão urbana e transformações subjetivas na China contemporânea", realizada com apoio da Capes em forma de bolsa de estágio sênior.

9. Apesar de Hong Kong ser atualmente parte da RPC e de a autonomia de Taiwan não ser reconhecida plenamente por esse país, há uma clara especificidade de chineses socializados na China continental (*mainland China*) sob a égide do Partido Comunista Chinês.

10. Tanto a resistência física quanto a habilidade intelectual e a desonestidade são estereótipos acionados em diferentes momentos não somente como acusações ou elogios a "outros", mas também pelos próprios "estereotipados", que instrumentalizam os estereótipos como justificativas em situações específicas. Para uma análise do uso de estereótipos, ver Herzfeld (2005).

11. Em 1979, a RPC adotou política de controle de natalidade que restringia direitos de casais que tivessem mais de um filho. Tal política foi implementada de forma bem mais rigorosa nos grandes centros urbanos do que nas áreas rurais (Fong, 2004).

12. Não havia qualquer relação anterior (de parentesco ou amizade) estabelecida com a "tia". Esse é um arranjo muito comum na China: as chamadas "tias" são mulheres que alugam quartos e oferecem serviços de cuidados a adolescentes em fase escolar. Morar nas proximidades e alimentar-se adequadamente são considerados fatores de diferenciação importantíssimos em regimes extremamente competitivos, onde a quantidade de tempo dedicada ao estudo é de grande valor. Entre os estudantes que entrevistei, nenhum permanecera na residência de sua família de origem durante o período em que cursou o ensino médio. Algumas meninas mudaram-se com a mãe para um pequeno apartamento próximo à escola e muitos estudantes de ambos os sexos se mudaram para alojamentos nas próprias instalações da escola.

13. É interessante notar que o termo "oriental" é evitado nos Estados Unidos, porque é considerado pejorativo e politicamente incorreto. Essa preocupação parece não existir para os chineses da RPC.

14. O TOEFL iBT é o teste de proficiência em língua inglesa para estrangeiros exigido por universidades norte-americanas. Os exames SAT e ACT são exames gerais utilizados por universidades nos Estados Unidos em seus processos seletivos.

15. Aplicativo utilizado amplamente na China, semelhante ao WhatsApp.

16. As siglas são utilizadas com frequência pelos chineses, que pronunciam as letras tendo como referência a língua inglesa. Com raríssimas exceções, não há letras que representem fonemas isolados na língua chinesa, mas ideogramas com alusões fonéticas a sílabas inteiras.

17. Wenjun discorreu longamente sobre a dificuldade das mães de seus alunos adolescentes de abdicar de empregos para acompanhar os filhos (em geral únicos) nos estudos, cozinhar todas as refeições, lavar e buscar em aulas e, muitas vezes, mudar de residência durante o ensino médio.

18. Xin Dong Fang: 新(*xin* "novo") 东(*dong* "leste") 方 (*fang* "região").

19. No original: "more than 2,000,000 students in China choose New Oriental every year for our professionalism". Disponível em: http://vision.xdf.cn. Acesso em: 28/09/2015.

20. Forma como ela entendia meu interesse de pesquisa na ocasião.

21. O termo em inglês me chamou atenção por conter um forte elemento de culpa. Perguntei a ela se poderia usar o termo *criticized*, mas ela insistiu em usar *blame*, sublinhando o sentimento de culpa e vergonha causado pelo "júri" durante sua fase de treinamento.

22. Esse "estilo", explicou-me Wenjun, deveria estar à altura ou acima daquele adotado pelas alunas, já que professores do Xin Dong Fang deveriam ser sofisticados e tomados como modelos a serem emulados.

23. Bordão utilizado por Deng Xiaoping, o primeiro ministro que iniciou a "reforma" após a morte de Mao Zedong. Sobre "características chinesas", ver Smith (1900).

24. Virtude confucionista enaltecida como lema do governo de Hu Jintao.

25. No artigo original em inglês: "nowadays, everyone is talking about the "China Dream". [...] In my view, to realize the great renewal of the Chinese nation is the greatest dream for the Chinese nation in modern history".

26. No original em inglês: "if the picture were to be placed in a global framework, it would be hard for one *not to* think of the "mirage of China" as a mirror effect. On the one hand, the sign of "global China" is an effective image-sign for the country's ongoing global transformation; on the other hand, it is also a sign-image for the People's Republic to think of itself in terms of modern development modelled especially on North America".

27. No original: "the word "rejuvenation" is deeply rooted in Chinese history and national experience. As citizens of the "Central Kingdom," the Chinese feel a strong sense of chosenness and pride at their ancient civilization and achievements. Chinese refer to the humiliating experience in the face of Western and Japanese incursion as a national trauma. After suffering a great decline of national strength and status, this group has strong determination to revive its past glory and strength. That is the Chinese Dream".

28. Diferente da "liberdade" americana de "olhar para a frente" sugerida por Xiaotong Fei na epígrafe deste artigo.

29. No original em inglês: "rather than celebrating individual aspiration and endeavor, the China Dream emphasizes a collective effort from all Chinese people in gradually achieving China's yearning for a "great rejuvenation" in the 21st century. While both "dreams" hope for success through hard work, the American Dream stresses the

spirit of freedom and social mobility, while the China Dream (although it incorporates individual dreams) pinpoints unity and stability. Also, the China Dream is unique to the Chinese people. Unlike the American Dream, it speaks only to the members of the Chinese nation and is not meant to be adopted by the world".

30. No original em inglês: "along with the emergence of a different mentality of governance, in and for the People's Republic, there also came a redesigned or renovated "structure of feelings" in the life-world of everyday experience. If a history of the present may be written as a *history of mentality*, it must be, simultaneously, a history of *sentimentality*, for which, in the case of China, a narcissistic selfhood and a materialistic metaphysics have supplied the life vitamins for the present moment. Against the Maoist sentimentality, which was humanistic in its own way, the delivery of a new sentiment was made, on the ruins of the Maoist revolution, as an immediate reaction or rebellion".

31. Em oposição, por exemplo, a noções de proporcionalidade invocadas nos tempos do regime maoísta.

32. Os chineses perfaziam um terço dos estudantes internacionais nos Estados Unidos em 2014.

33. Os estudos de Vanessa Fong (2011), por exemplo, identificam a busca pelo que ela identifica como uma "cidadania transacional" flexível que não exclui a China. Entre os "sonhos" acionados pelos seus interlocutores, está a "miragem" de "paraísos" que se deslocalizam a partir de experiências concretas muitas vezes frustrantes em outros países. A própria possibilidade de trânsito passa a ser um objetivo perseguido, mais do que a aquisição de cidadanias específicas em países "desenvolvidos".

34. Essa encruzilhada reflete, em larga medida, meu próprio ponto de articulação, já que o acesso à literatura sobre a China se limita à bibliografia em língua inglesa e minha experiência de pós-doutorado se deu em diálogo com chineses situados nos Estados Unidos ou voltados naquela direção.

35. Em seu estudo sobre a China, Weber (1951) caracterizou o chinês "tradicional" como desprovido de uma "personalidade unificada", contrastando-o com o "individuo" protestante. Assim fazendo, atribuiu aos próprios chineses a falência em desenvolver o espírito capitalista e, por conseguinte, a perda de sua proeminência em um mundo cada vez mais racional e individualista. Essa dicotomia é, em certa medida, continuada por Xiaotong Fei, o mais "famoso" antropólogo chinês. Liu (2009), no entanto, questiona caracterizações dicotômicas e fala de "subjetividades transindividuais" em diferentes contextos históricos chineses.

36. O discurso não apela para noções de bem-estar da população mas se apoia em concepções particularistas acerca de um suposto passado de "glória" nacional. Levenson (1968), no entanto, nos ensina que o passado chinês não era um passado "particular", que falava "somente aos membros da nação chinesa", conforme o argumento de Kai. O *Tian Xia* era uma concepção abrangente de mundo, não uma concepção particularista acerca da nação chinesa no mundo.

Referências

Arkush, David R. & LEE, Leo O. (eds.). 1989. *Land without ghosts: Chinese impressions of America from the mid-nineteenth century to the present*. Berkeley: University of California Press.

Arrighi, Giovanni. 2009. *Adam Smith in Beijing: lineages of the twenty-first century*. London: Verso.

CASTELLS, Manuel. 2000. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

FEI, Xiaotong. 1992. *From the soil: foundations of Chinese society*. Berkeley: University of California Press.

FIORAMONTI, Lorenzo. 2013. *Gross Domestic Problem: The Politics Behind the World's Most Powerful Number*. London: ZED Books.

FONG, Vanessa L. 2004. *Only hope: coming of age under China's one-child policy*. Stanford: Stanford University Press.

______. 2011. *Paradise redefined: transnational Chinese students and the quest for flexible citizenship in a developed world*. Stanford: Stanford University Press.

FOUCAULT, Michel. 2006. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

GWYER, Jane. 2014. “The Gross Domestic Person?”. *Anthropology Today*, 30(2):16-20.

HARVEY, David. 2010. *The enigma of capital and the crises of capitalism*. Oxford: Oxford University Press.

HERZFELD, Michael. 2005. *The practice of stereotypes: cultural intimacy. The social poetics of the Nation State*. London: Routledge.

HUBBERT, Jennifer. 2014. Ambiguous states: Confucius Institutes and Chinese soft power in the U.S. classroom. *Polar: Political and Legal Anthropology Review*, 37(2):329-349.

KAI, Jin. 2014. The China dream vs. the American dream: the China dream is the dream of a nation; the American dream is the dream of an individual. *The Diplomat*, 20/09/2014. Disponível em: http://thediplomat.com/2014/09/the-china-dream-vs-the-american-dream/. Acesso em: 30/09/2015.

KIPNISS. Andrew B. 2011. *Governing Educational Desire: culture, politics and schooling in China*. Chicago: The University of Chicago Press.

Kleinman, Arthur et al. 2011. *Deep China: the moral life of the person. What anthropology and psychiatry tell us about China today*. Berkeley: University of California Press.

Levenson, Joseph R. 1968. *Confucian China and its modern fate: a trilogy*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.

LIU, Lydia L. 2004. *Clash of empires: the invention of China in modern world making*. Cambridge: Harvard University Press.

Liu, Xin. 2002. *The otherness of self: a genealogy of the self in contemporary China*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

______. 2009. *The mirage of China*. New York: Berghahn Books.

ONG, Aihwa. 1999. *Flexible citizenship: the cultural logics of transnationanity*. Durham: Duke University Press.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. 2013. "O 'velho' hukou na 'nova' China urbana: reflexões sobre uma dualidade contemporânea". *Anuário Antropológico*, 38(2):225-245.

SMITH, Arthur Henderson. 1900. *Chinese characteristics*. London: Oliphant, Anderson and Ferrier.

Wang, Zheng. 2014. The Chinese dream: concept and context. *Journal of Chinese Political Science*, 19:1-1.

Weber, Max. 1951. *The religion of China*. New York: The Free Press.

XI PLEDGES "great renewal of Chinese nation". *Xinhua*, 29/11/2012. Disponível em: http://news.xinhuanet.com/english/china/2012-11/29/c_132008231.htm. Acesso em: 28/07/2016.

Yan, Yunxian. 2009. The individualization of Chinese society. *London School of Economics Monographs on Social Anthropology*, 77. Oxford & New York: Berg.

Zhang, Li. 2001. *Strangers in the city: reconfigurations of space, power, and social networks within China's floating population*. Stanford: Stanford University Press.

___________ 2010. *In search of paradise: middle-class living in a Chinese Metropolis*. Ithaca: Cornell University Press.

______. 2014. Bentuhua: culturing psychotherapy in postsocialist China. *Culture, Medicine, and Psychiatry: an International Journal of Cross-Cultural Health Research*, 38(2):283-305.

Zhang, Li & Ong, Aihwa (orgs.). 2008. *Privatizing China: socialism from Afar*. Ithaca and London: Cornell University Press.

Resumo

Este artigo tem como objetivo pensar o surgimento de algumas narrativas que se relacionam à noção de “sonho chinês”, tomada como refrão que permeia discursos na República Popular da China. Como ponto de articulação etnográfica, narram-se dois “atos”, compostos por um filme de grande sucesso comercial lançado na China em 2013 e algumas interações com a dona de uma pequena escola preparatória para exames dos Estados Unidos em Pequim. Ao relacionar narrativas, todas tendo a China e os Estados Unidos como paisagens de referência, analisam-se as possibilidades de elaboração de projetos que constituem sujeitos a partir de “miragens” que articulam percepções sobre a China e o mundo.

Palavras-chave: Sonho chinês, China, mobilidade estudantil, globalização.

Abstract

This article is a reflection on the emergence of a few narratives related to the notion of “Chinese Dream”, a chorus that permeates discourses in the People’s Republic of China. As points of ethnographic articulation, I narrate two “acts”, made up of a film of great commercial success released in China in 2013, and a few encounters with the owner of a small preparatory course for American exams in Beijing. The various narratives have the USA and China as landscapes of reference and allow the analysis of the possibilities of elaboration of projects that constitute subjects with reference to “mirages”, which articulate perceptions about China and the world.

Key-words: Chinese dream, China, student mobility, globalization.